

## Os riscos de estar “além do peso”

uma análise do discurso sobre a obesidade proferido nos meios de comunicação de massa

Lilian Miranda Magalhães  
Ligia Amparo-Santos

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

MAGALHÃES, LM., and AMPARO-SANTOS, L. Os riscos de estar “além do peso”: uma análise do discurso sobre a obesidade proferido nos meios de comunicação de massa. In: PRADO, SD., *et al.* orgs. *Estudos socioculturais em alimentação e saúde: saberes em rede*. [online]. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2016. Sabor metrópole series, vol. 5, pp. 215-229. ISBN: 978-85-7511-456-8. Available from: doi: [10.7476/9788575114568](https://doi.org/10.7476/9788575114568). Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/37nz2/epub/prado-9788575114568.epub>

---



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

# Os riscos de estar “além do peso”: uma análise do discurso sobre a obesidade proferido nos meios de comunicação de massa<sup>1</sup>

*Lilian Miranda Magalhães  
Ligia Amparo-Santos*

## **Introdução**

Inúmeras publicações no campo da saúde versam sobre a obesidade, ainda que nem sempre a tenham como principal tema. A exemplo disso, ao analisar a produção científica espanhola acerca da obesidade na base de dados PubMed no período de 1988 a 2007, Jesús Vioque et al. (2010) constataram que o aumento do volume de artigos publicados do primeiro em relação ao quarto quinquênio foi de 671%.

Atualmente, a continuidade da crescente centralidade do tema como objeto de pesquisas no meio científico foi confirmada por meio de uma busca realizada pelas autoras no portal Biblioteca Virtual em Saúde (que engloba as bases de dados LILACS, IBECs, MEDLINE, Biblioteca Cochrane e SciELO), utilizando o descritor *obesity*. No final de maio de 2015, foram identificados mais de cento e quarenta mil artigos, e o volume de produções nacionais e internacionais ao longo da última década foi representado no referido site por gráficos ascendentes.

---

<sup>1</sup> Este trabalho foi produzido no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Alimentos, Nutrição e Saúde da Universidade Federal da Bahia, Brasil.

Em ambas as buscas, são notáveis a predominância de estudos epidemiológicos e a proximidade com temáticas como metabolismo energético, prevenção e controle, etiologia, patologia, terapêutica, doenças crônicas não transmissíveis, entre outras. Tal panorama expõe a hegemonia de abordagens e investigações sob a perspectiva biomédica. Além disso, os artigos, em geral, trazem, ainda nos primeiros parágrafos, a definição de obesidade e sobrepeso elaborada pela Organização Mundial de Saúde (OMS), e os dados estatísticos constroem as justificativas para o uso do termo “epidemia” ou “pandemia do século XXI” (Contreras, 2009; Gracia Arnaiz, 2010).

Segundo pesquisa histórica realizada por Santolin e Rigo (2015), as enciclopédias francesas e britânicas do século XVII já traziam os verbetes – *obésité/obesity* e *corpulence/fatness*, mas, nesse período, não eram associados ao papel valorativo negativo. Desse modo, como também atesta Vigarello (2012), antes de se tornar uma ameaça sanitária de proporções globais, a corpulência e os olhares que atualmente se voltam a ela resultam de um processo histórico marcado por mutações e ambiguidades. Entretanto, tais aspectos nem sempre são considerados nas produções científicas, que, em certa medida, contribuíram para a naturalização da patologização e a medicalização dessa condição corporal.

Essas perspectivas impactam na compreensão das relações de causalidade do fenômeno, que tendem a uma parcialidade. Contreras (2009) critica tal reducionismo ao evidenciar que as origens do complexo fenômeno são atribuídas às mudanças no estilo de vida das populações de países desenvolvidos e em desenvolvimento, bem como à transição nutricional, com a substituição de dietas tradicionais por outras que apresentam maior densidade energética.

Buscando um paralelo com as ideias de Motta (1997) quanto às relações entre o real e o simbólico na comunicação, é possível concluir que o impactante caráter da obesidade, como um fenômeno mundial, adquire importância social e alcança o estatuto de notícia por representar a transgressão. Uma espécie de rompimento com a ordem natural dos corpos, que perpassa a exibição da anormalidade.

Nesse contexto, é indiscutível a contribuição da mídia para construções culturais acerca da obesidade na contemporaneidade em que, por suas características, a sociedade tem sido nomeada com os termos “conhecimento”, “informação” e “aprendizagem” (Assman, 1998; Coutinho e Lisboa, 2011). Considerando os numerosos meios que a compõem, a televisão aberta e a internet ganham destaque pelo fato de alcançarem grande parte da população, na condição de espaços

privilegiados de interação e trocas simbólicas “com grande impacto e abrangência na construção de imaginários sociais” (Xavier, 2006, p. 49).

O alarde midiático associa-se à profusão de informações. Múltiplos atores atuam como emissores ao advertirem sobre os riscos decorrentes da obesidade e do sobrepeso e discorrerem sobre temas como alimentação e atividade física. Em meio a essa cacofonia, profissionais de saúde, por sua vez, buscam os meios de comunicação de massa para atingir a população e desenvolver estratégias de comunicação social e interativa, no sentido de prescrever e orientar comportamentos considerados saudáveis (Vogel e Mol, 2014; Gracia Arnaiz, 2010; Contreras, 2009).

Xavier (2006), no entanto, distingue a “comunicação em saúde” do que se denomina como “saúde na mídia”, pautando-se nas diferentes formas de apropriação, veiculação e mediação do conceito de saúde. O referido autor ressalta que a primeira tem caráter institucional e está ligada, direta ou indiretamente, ao Estado, assumindo a formulação conceitual instituída pela Organização Mundial de Saúde (OMS). A segunda, por sua vez, apoia-se em uma diversidade semântica, atribuindo ao termo noções imprecisas e difusas, sendo “mercadoria”, “cura” e “tecnologia” seus três principais sentidos.

Longe de uma visão polarizada, Xavier (2006) expõe as interfaces, fragilidades e iniquidades de ambos os campos, ao mesmo tempo que defende a criticidade quanto à influência mútua dos discursos e das relações que envolvem mídia, públicos e mercados sobre as sociedades. Dispositivos e discursos demandam um olhar analítico, tanto por sua imposição de uma interpretação hegemônica da realidade quanto por sua influência sobre as posturas dos sujeitos (Mouillad, 1997).

Assim, o presente trabalho tem como objetivo analisar aspectos do discurso acerca da obesidade e do risco na sociedade contemporânea proferido em um dos veículos de comunicação de massa. Para tanto, toma, como *corpus* empírico, o quadro de um programa de entretenimento da televisão aberta, considerando que se trata de um *reality show* voltado à promoção do emagrecimento.

Em processo semelhante ao adotado por Natansonh (2005) e Santos (2010) ao pesquisarem objetos correlatos, foram realizadas leituras exploratórias do conteúdo sob a forma de textos, imagens e vídeos do programa, disponíveis, na íntegra, no site oficial da emissora. A investigação inicial permitiu que se identificassem elementos para uma breve descrição e caracterização de sua estrutura.

Entre os episódios recentes, um deles foi selecionado pelo título – “Pesagem: Será que [nomes da dupla de participantes] venceram mais uma vez o peso de risco?” –, exibido em 21 de novembro de 2014. Essa eleição se justifica pela forte relação com o tema de relevância deste estudo (obesidade e risco), destacado pelos próprios produtores. Após a categorização, foi realizada a análise dos dispositivos e discursos no processo de construção ideológica e cultural. A interlocução com o referencial teórico fundamentou a discussão, que foi desenvolvida em tópicos.

Por questão ética, os nomes dos participantes, apresentadores e profissionais de saúde serão substituídos por siglas e números, respectivamente.

### **Uma breve caracterização do programa em estudo**

Exibido diariamente pela Rede Record como quadro do “Programa da Tarde”, o “Além do Peso” é um *reality show* adaptado do original argentino “Cuestión de Peso”, da rede de televisão El Trece. Assim como os similares “Quilo por Quilo” (do canal fechado Discovery Home & Health) e “Extreme Weight Loss” (da emissora americana ABC), trata-se de uma competição que gira em torno da perda de peso corporal dos participantes.

A versão brasileira em estudo está em sua terceira edição. A primeira temporada teve início no segundo semestre de 2010 e teve a duração de quase quatro meses. A segunda temporada começou trinta dias após e a exibição perdurou por dois meses a mais que a anterior. A temporada atual estreou após o intervalo que durou apenas três dias, com modificações em seu formato: agora os participantes competem em duplas com algum grau de relacionamento pessoal (casais, pai e filho, irmãs, amigos etc.).

A inscrição é recomendada para quem “está acima do peso e quer mudar de vida”. Para preencher o formulário on-line, a dupla de candidatos deve anexar um arquivo com sua imagem, informar dados pessoais, incluindo peso e altura, bem como relatar suas histórias de ganho de peso. Os aprovados no processo seletivo são apresentados ao público, e cada um deles recebe uma camiseta azul estampada com seu nome e, em destaque, o “peso inicial”, grafados com grandes caracteres na cor amarela. Tal vestimenta deverá ser usada ao longo de toda a disputa e, à medida que vai ocorrendo a perda de peso, o tamanho da peça se mostra desproporcional ao corpo.

Após um jantar de despedida, em que “todos comem à vontade”, tem início a competição pela perda progressiva de massa corporal. Para tanto, o grupo conta com a assistência dos “especialistas”, como denomina a produção do programa. Educador físico, psicólogo, nutricionista e endocrinologista prescrevem práticas (dieta e atividades físicas), provas e tarefas (como passar pela catraca de um ônibus, responder a um jogo de perguntas sobre alimentação saudável, carregar sacos de laranja, empurrar carros, correr com as mãos no solo, entre outras).

Os integrantes têm seu peso aferido sempre nas segundas, quintas e sextas-feiras. A “meta” é a redução igual ou superior a 1% do peso no intervalo de uma semana. Assim, a “pesagem eliminatória”, que acontece nas sextas-feiras, é precedida pela “pesagem de risco”, em que a possibilidade de não se alcançar o valor estipulado justifica a substituição da vestimenta: a dupla de participantes recebe uma camiseta de cor preta com a inscrição em grandes letras brancas: “Peso de Risco”.

Para continuar no programa, a dupla que se encontra nessa condição precisa apresentar, no dia seguinte, o peso estipulado. Em caso de eliminação, tem uma chance de retornar ao programa. O público participa não apenas votando pelo regresso, mas também enviando perguntas e opiniões sobre os fatos. Os vencedores ganham um carro.

### **O corpo anormal: a construção do olhar para a obesidade**

No episódio em questão, houve uma retrospectiva da temporada anterior. Foram exibidos trechos do clipe gravado no período de ingresso de uma ex-participante. Usando top e bermuda de tecido colado ao corpo, as imagens em ângulo contrapicado (no caso da cena descrita, a câmera posicionada pouco abaixo dos joelhos) realçam a adiposidade abdominal. Sob essa perspectiva, o corpo parece maior e ocupa quase toda a tela. Em close, as dobras cutâneas são evidenciadas de modo desproporcional. É evidente o uso de recursos imagéticos, os quais reforçam o estigma em torno da corpulência. No entanto, é preciso analisar melhor a conformação dos olhares e discursos presentes nesse tipo de abordagem.

Ao tratar da história e da antropologia culturais da deformidade, Jean-Jacques Courtine (2008, p. 287) recupera registros europeus e americanos do século XIX para discorrer sobre a exibição pública de indivíduos porta-

dores de anomalias teratológicas. Os gêmeos siameses, a “mulher barbada”, o “anão”, o “selvagem”, o “homem-elefante”, todos esses eram considerados fenômenos por causa de suas “deformidades anatômicas”, sendo expostos em feiras, barracas, museus ou até mesmo em cartões-postais, como forma de diversão popular.

Olhares e expressões de curiosidade, estranhamento e espanto dos espectadores rendiam bons lucros para os que atuavam como empresários ou “exibidores de curiosidades”, que, para o referido autor, inauguraram a indústria do entretenimento. Décadas depois, a anormalidade do corpo passou ao exclusivo agenciamento da medicina. Um deslocamento legitimado pelas autoridades públicas sob a justificativa socialmente aceita de que se tratava de situações patológicas, enfermidades carentes de tratamento médico.

Dos barracões à sala de casa, das feiras às telas, voltamos ao tempo presente. No programa em estudo, encontramos cenas que, simultaneamente, suscitam olhares de *voyeurismo* e compaixão. Identificamos a dupla apropriação da “anormalidade” pela presença simultânea dos dois sujeitos: “exibidores”, representados pela produção e personificados pelos apresentadores, e “médicos”, simbolizados pelos diferentes especialistas. Interesses diversos, mas não exatamente divergentes, e sempre a mesma justificativa: “ajudar”. Caritativamente, auxiliar no emagrecimento de indivíduos que não conseguiriam fazer isso sozinhos e premiar os que alcançarem maior êxito.

Há ainda que se destacar o movimento de cunho higienista ou neoeugenista na atribuição de significados ao “corpo gordo”, como oposto à ordem do saudável. Os discursos regulam o pensamento, são estruturantes do psiquismo e reguladores da vida afetiva e emocional, portanto, em certa medida, delineiam as posturas e práticas. A depreciação do corpo volumoso está por trás do elogio à delgadez: “Eles chamam de magro; eu chamo de peso normal” (Especialista 1).

Em nome da ordem, da normalização de corpos indisciplinados e moralmente incorretos, não basta apenas impor a contenção, a domesticação, mas também infiltrar o desejo de cumprir as “ordens médicas” de ser “normal”. O controle social busca as dimensões profundas da identidade para atingir o “agir” por meio do pensar. Enunciados e microssanções são usados como instrumentos no processo de psicologização que antecede e permeia a inscrição de valores. Incitam mudanças íntimas, de consciência, no momento em que cria nos sujeitos o desejo, a vontade de fazer e de ser (Mouillad, 1997; Brás, 2008):

Meu único objetivo aqui é emagrecer. Meu único propósito é emagrecer. O pessoal me ajuda, os especialistas me ajudam, eu me ajudo e é o que eu quero: emagrecer. Só emagrecer (Participante A).

Desse modo, o emagrecimento torna-se um objetivo grandioso e não apenas individual, mas também coletivo. É compartilhado por todos como se fosse, além de um dever moral, um dever social. O controle (corporal e comportamental) passa a ser interpretado como uma medida sanitária. A obesidade é colocada como alteração da ordem anatômica e oponente à “tão sonhada vida saudável” (Apresentador 1). Povoia um espaço que conjuga deformidade e enfermidade.

Após retornar ao lugar da norma, a ex-participante volta a ter seu corpo filmado. Agora bem-vestida, maquiada, sorridente, compõe o grupo de “ex-gordinhos”. É um dos três ex-participantes chamados ao palco para receber publicamente elogios à beleza. Após a “transformação”, passou a fazer parte do “leque de exemplos [...] a ser seguido, por todo o Brasil”, pelas “pessoas que querem se manter em forma. Voltar a estar em forma, com uma vida saudável” (Apresentador 1). Simboliza o autocontrole e a disciplina, a perseverança, a garra e a vitória. Mas cabe questionar: A que custo? E ainda: Com que repercussão? Quais relações de poder estão aí inscritas?

### **“Hora da balança”: o peso e os pesares da existência**

O momento da aferição do peso assume caráter emblemático e, pela sua riqueza semântica, será aqui descrito em detalhes:

Apresentador 1: Atenção! Agora é como se fosse o aeroporto (simula sinal sonoro). Afirma o apresentador com as mãos suspensas no ar.

Apresentador 2: Ai que medo! [Diz fechando os olhos]

Apresentador 1: [Nomes das participantes], queiram comparecer à balança. Pesagem no “Além do Peso”! [Fala com ênfase]

Apresentador 2: Hora da verdade!



Apresentador 2: [Nome da participante], está preparada para a balança de hoje?

Participante B: Estou preparada, confesso que eu tenho medo da balança. Isso vem de muitos anos. Um trauma que eu tive. Sempre tive. Mas eu estou superando a cada dia e cada dia eu fico um pouco menos nervosa.

Apresentador 1: A cada dia eu fico um pouco menos nervosa. Que bom! Eu espero que você tenha amizade com a balança, não esse medo. [Fala suavizando a voz]

Participante B: Não, com certeza. Eu tô perto disso. A gente vem conversando com o pessoal, e eles vão dando uma força muito grande pra gente. Eles [os especialistas] conversam com a gente pra que a gente possa acreditar na gente mesmo, e não ter medo dela, porque ela [a balança] é só uma consequência do que a gente faz.

Apresentador 1: Ótimo, porque hoje, [nome da participante], você precisa subir na nossa balança e entregar cento e cinquenta e cinco quilos e seiscentos gramas. É um número ainda grande, alto, mas já é menor do que era na semana passada. E assim terá que ser, para que você chegue na tão sonhada e desejada vida saudável. [Nome da participante], é meta! Senão, você tá fora e leva a sua amiga junto. Hora da balança!

A luminosidade do estúdio é reduzida, as luzes piscam rapidamente e uma música instrumental complementa o clima de suspense. A participante caminha até uma plataforma e, nesse momento, a tela da televisão é dividida: um quadro com uma foto sua e o valor do peso atual, que fica variando por algum tempo, até se estabilizar. Por alguns minutos, os apresentadores falam:

Apresentador 1: O medo da balança geralmente se manifesta neste momento aqui. Pelo menos dentro do “Além do Peso”, porque é hora da meta, é sexta-feira, dia de ver se conseguiu perder 1% do peso da semana passada. Essa é a meta da [nome da participante]: chegar a cento e cinquenta e cinco vírgula seis. O medo da balança! Ela tá tensa porque ainda tem aquele medo. Ela mesma confessou: medo da pesagem. Com o tempo, ela vai perder [o medo],

se ela continuar, porque ela precisa de cento e cinquenta e cinco vírgula seis. Parou a balança!

A música é modificada para tons graves, até que o peso é revelado e mostrado ao telespectador no painel lateral da tela, onde aparece a palavra “Continua” [na competição].

Apresentador 1: Se você precisava de cento e cinquenta e cinco vírgula seis [pausa], você chegou a cento e cinquenta e três vírgula sete!

O alcance da meta é comemorado: participante e apresentadores cantam e dançam juntos a coreografia de um funk: Ela não anda, ela desfila/ Ela é top, capa de revista/ É a mais mais, ela arrasa no look/ Tira foto no espelho pra postar no Facebook.

A música é interrompida. A participante é parabenizada e abraçada pelo apresentador. As luzes se acendem. A luminosidade volta ao normal. Em seguida, é levada para a frente da bancada, onde os especialistas aguardam para ouvir a avaliação do resultado pela endocrinologista, que já informa com exatidão o peso-meta para a semana seguinte.

Apresentador 2: A [nome da participante] chegou lá, não é, Dra. [cita o nome da endocrinologista]?

Especialista 1: Chegou lá. Inclusive a próxima meta dela vai equivaler a exatamente dez quilos a menos do que quando ela chegou. Então, será cento e cinquenta e dois quilos e duzentos gramas. Você chegou com um meia dois ponto dois!

Apresentador 1: [...] Se atingir a meta, certinho... Dez quilos a menos!

Apresentador 2: E chega lá! Vamos buscar, [nome da participante], vamos buscar.

A cena se repete para os integrantes de cada dupla. Esse é um momento importante para a atribuição de sentidos conferidos ao “peso em excesso”. A temida balança é colocada no centro do estúdio e assume o caráter de um

ente ao qual se atribui estatuto de verdade, por evidenciar, com exatidão decimal, as consequências dos atos de quem se posiciona sobre ela. É necessário estar “preparado” física e emocionalmente.

A tensão é criada pelo somatório de linguagens: as falas dos apresentadores, o tom ameaçador, a reduzida luminosidade do ambiente, o fundo musical, a variação dos números referentes ao peso, o tempo de espera até o resultado. Tudo potencializa o “medo da paisagem”. A expressão de angústia da participante só se desfaz quando lhe é revelado que, mais uma vez, “venceu a balança”.

Embora pareça algo natural, a experiência relacionada às dimensões corporais passou por grandes mudanças com o advento da antropometria. Constatou-se que o que começou como um simples ato de curiosidade em relação às múltiplas circunferências (braço, panturrilha, abdômen, cabeça) tornou-se uma forma de inspeção e vigilância da normalidade (Vigarello, 2012). Apesar da heterogeneidade anatômica entre as sociedades e no interior delas, surgiu a necessidade de manter o Índice de Massa Corporal dentro dos limites estabelecidos pelos gráficos de referência (Gracia Arnaiz, 2007). No caso da participante, medir o próprio peso chegou ao âmbito do sofrível, do traumático.

É importante refletir sobre a construção de convenções sociais e o compartilhamento de compreensões culturais acerca da mensuração. Crease (2011) destaca a historicidade dos métodos, o valor (não apenas numérico) que atribuímos aos resultados obtidos a partir das medições e a temporalidade que determina o envolvimento da rede de padrões, instrumentos e instituições próprios de cada época. Assim, grandes avanços tecnológicos têm marcado a antropometria, pela precisão das determinações, a exemplo da definição da composição corporal pela bioimpedanciometria.

Os impactos da crescente evidência do corpo analisados por Ortega e Zorzanelli (2010) coadunam-se com o modelo biomédico de abordagem estritamente (ou predominantemente) biológica. Mais acessível e próxima do cotidiano, a balança passa a ser consultada com frequência. A exatidão da “meta” guarda estreita relação com a lógica epidemiológica de mensuração do risco. Números, padrões e instrumentos são internalizados e adentram o cotidiano.

A “vitória” justifica a comemoração. A música – cuja letra exalta a aparência física da mulher dentro dos padrões de beleza vigentes e incentiva sua exibição pública – reforça o estigma da obesidade pelo uso do discurso positivo da magreza.

## **Mercantilizar e medicalizar: mídia e saúde em torno da corpulência**

A participante é levada pelos apresentadores para ouvir os especialistas. Diante da bancada, a cena construída guarda certa proximidade com uma espécie de tribunal. A endocrinologista julga o resultado, emite seu parecer sobre o peso alcançado e, imediatamente, dá início a outro ciclo, em um movimento ascendente e contínuo designado como “busca”.

Nesse universo metafórico, os participantes recebem a alcunha de “guerreiros”. A linguagem bélica utilizada no programa atesta o status de inimigo à obesidade, representada pelo corpo insubordinado, alvo de toda ordem de sacrifícios e contenções. A “missão” é “vencer”, “superar” a balança. Para tanto, é necessário perder peso, de acordo com a precisão da “meta”. Essa demanda se torna ainda mais urgente e “dolorosa” quando o tempo para seu cumprimento é exíguo: apenas 24 horas. São sucessivas “batalhas”, e a iminência da “pesagem eliminatória” ganha ares de desespero.

Diante das ameaças de eliminação, o temor do fracasso soma-se a práticas extremas de atividade física, “exercícios aeróbicos que fazem acelerar o metabolismo” para “queimar a pança”, segundo declaram integrantes da dupla que se encontra nessa condição. É preciso provocar combustão corporal. Em meio à maratona de exercícios, a excessiva sudorese parece aproximá-los de seu objetivo: “Assim, esses dois quilos vão embora rapidinho!” (Participante CLG). Para o educador físico, apelidado pelos competidores de “coronel”, essa sudorese representa as lágrimas do “corpo chorando, porque a gordura está indo embora”.

Por outro lado, está presente a ideia de que o peso resultante da simples operação matemática entre as calorias ingeridas e gastas restringe sua causalidade ao campo das ações individuais (Gracia Arnaiz, 2007; Ferreira et al., 2012). Corpo e comer passam pelo crivo da mensuração. Assim como na página do programa, é comum ver, no ambiente virtual, circularem imagens que conjugam alimentos e fitas métricas. Uma delas chama a atenção: fitas métricas formam um emaranhado no prato e no garfo de uma mulher, que o leva à boca.

O comer adentra o campo do risco, envolve ansiedade e se torna o que os participantes denominam como “recaída”. Suspeição, ansiedade e insegurança rodeiam o ato vital (Caponi, 2007). Para evitar a adição e o decorrente aumento do peso, as possibilidades de restrição ou de total abstenção podem

ser pensadas como forma de conter os dígitos. Desse modo, no programa em estudo, geram-se conflitos e sofrimentos de ordem existencial não apenas no sujeito, mas também em quem acompanha sua trajetória pela televisão ou pela internet. É possível perceber que os riscos relacionados ao fato de estar “além do peso” são diferentes para cada sujeito. A obesidade é vista como uma condição de consequências funestas, que aproximam o indivíduo da finitude (para os especialistas), do fracasso (para os participantes) e da eliminação (para os apresentadores). Embora não existam em sua forma pura, são sentimentos negativos ligados à ideia de perigo, que se mesclam aos significados originados da interpretação pessoal de cada espectador. O termo torna-se polissêmico, ao mesmo tempo que cria julgamento, insatisfação e medos, os quais perpassam os olhares e as experiências, modificando-os.

Para além das concepções epistemológicas clássicas, Czeresnia (2004), Caponi (2007), Castiel, Guilam e Ferreira (2010) fazem importantes considerações que apontam para outras interpretações do risco como algo inerente à vida humana, avaliado e escolhido a todo momento pelos sujeitos. Os autores ainda ressaltam a existência de condições sociais de iniquidade, que expõem segmentos da população ao enfrentamento de riscos decorrentes de desigualdade social e insegurança, entre outros aspectos. Caponi (2007) desenvolve importantes reflexões quando afirma que só é possível falar em saúde quando dispomos dos “meios para enfrentar nossas dificuldades e compromissos”, cuja conquista e ampliação não são uma tarefa exclusivamente individual, mas também social e coletiva.

Em relação à obesidade, entre a figura do “exibidor” e do “médico”, o “corpo obeso” e, portanto, “anormal” é mercantilizado e medicalizado. Ainda distantes de uma mobilização política voltada aos determinantes sociais do problema, identificamos um posicionamento restrito. Assim como no programa em estudo, a união se volta ao auxílio do indivíduo para que, a partir de mudanças comportamentais, alcance “êxito” em “vencer a balança”. A tarefa social e coletiva, desse modo, apresenta-se distorcida e pouco eficaz.

Segundo essa lógica, o insucesso resulta dos atos inconsequentes do indivíduo, responsabilizado e culpabilizado como se o emagrecimento dependesse apenas de seu autocontrole e de sua força de vontade. “Eliminado”, o ex-participante tem seu “fracasso” atestado. É relegado ao esquecimento, à própria sorte de enfermo, e não mais voltará ao palco para se integrar, pois se torna (ou se mantém) o oposto do “exemplo”. Perdeu a “luta exaustiva contra o próprio corpo”.

No processo que nomeamos de “mercantilização da medicalização” da obesidade, identificado no programa em estudo, é evidente a apropriação do discurso da saúde para fins financeiros e cabe pensar sobre o que evidencia Xavier (2006, p. 53) sobre o posicionamento dos profissionais de saúde que atuam no referido campo: “Estamos nos tornando, com raras exceções, especialistas em oferecer às mídias o que as mídias desejam e no formato que desejam”. O autor ainda afirma que se trata de um afastamento do próprio *ethos* e desvela: “[...] Compramos a ilusão de que estamos “pautando as mídias”, quando, na verdade, são elas que nos pautam”.

### Considerações finais

O presente texto analisou aspectos do discurso acerca da obesidade e do risco na sociedade contemporânea, adotando, como estudo de caso, um programa veiculado nos meios de comunicação de massa.

As cenas que compõem o *reality show* veiculado na TV aberta provocam olhares de voyeurismo e compaixão, criam e/ou reforçam um imaginário social que associa a corpulência a significados de deformidade e enfermidade. É, portanto, notável o movimento de cunho higienista ou neoeugenista, que reforça o estigma da obesidade não apenas pelo uso do discurso positivo da magreza em prol de uma normalização anatômica, mas também pela criação de um universo metafórico bélico em que os participantes lutam para expurgar a adiposidade.

A “missão” de “vencer” a balança e de alcançar “a tão sonhada vida saudável” assume caráter moral e justifica os sacrifícios impostos aos corpos, cujas dimensões são associadas à incapacidade dos sujeitos em conter a si mesmos (interior e exteriormente).

Nesse contexto, a predominância do pensamento de que o excesso de peso corporal resulta meramente de um desequilíbrio originado pelo consumo calórico muito além do gasto energético ressignifica a corporeidade e o comer. O ato de se alimentar, embora vital, torna-se repleto de ansiedade, incerteza e temor, passando a representar a “recaída”, o descontrole. Associa-se ao risco da finitude e do fracasso, atestados pela eliminação do programa.

Tais resultados confirmam a necessidade de desenvolver “leituras” mais instrumentalizadas e críticas das produções veiculadas nos meios de comunicação em massa. Expõem equívocos do que realmente seria a mobilização

social diante da obesidade como fenômeno complexo. E provocam reflexões, inclusive de cunho ético, sobre o que denominamos “mercantilização da medicalização”, na medida em que tais programas, com a participação de profissionais de saúde, constroem mensagens que possivelmente potencializam sentimentos de insegurança, insatisfação e culpa em relação à existência.

## Referências

- ARNAIZ, M. G. “La obesidad como enfermedad, la obesidad como problema social”. *Gaceta Médica de México*, n. 146, 2010, pp. 389-96.
- ASSMAN, H. *Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente*. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.
- CAPONI, S. “Viejos y nuevos riesgos: en busca de otras protecciones”. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 23, n. 1, 2007, pp. 7-15.
- CONTRERAS, J. “Dimensiones socioculturales de la obesidad”. *Humanitas: Humanidades Médicas*, v. 43, 2009, pp. 15-33.
- COURTINE, J.-J. “O corpo anormal – história e antropologia culturais da deformidade”. In CORBIN, A. et al. *História do corpo: as mutações do olhar: o século XX*. Petrópolis: Vozes, 2008, pp. 253-340.
- COUTINHO, C. P. e LISBÔA, E. S. “Sociedade da informação, do conhecimento e da aprendizagem: desafios para educação no século XXI”. *Revista de Educação*, v. 18, n. 1, 2011, pp. 5-22.
- CREASE, R. *A medida do mundo: a busca por um sistema universal de pesos e medidas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- CZERESNIA, D. “Ciência, técnica e cultura: relações entre risco e práticas de saúde”. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 20, n. 2, 2004, pp. 447-55.
- FERREIRA, M. S. et al. “A patologização do sedentarismo”. *Saúde Soc.*, v. 21, n. 4, 2012, pp. 836-47.
- GRACIA ARNAIZ, M. “Comer bien, comer mal: la medicalización del comportamiento alimentario”. *Salud Pública de México*, v. 49, n. 3, 2007, pp. 236-42.
- MOTTA, L. G. “Teoria da notícia: as relações entre o real e o simbólico”. In MOUILLAUD, M. e PORTO, S. D. (orgs.). *O jornal: da forma ao sentido*. Brasília: Paralelo 15, 1997, pp. 305-19.
- MOUILLAUD, M. “Da forma ao sentido”. In — e PORTO, S. D. (orgs.). *O jornal: da forma ao sentido*. Brasil: Paralelo 15, 1997, pp. 29-35.
- NATANSONH, L. G. “O corpo feminino como objeto médico e ‘mediático’”. *Estudos Feministas*, v. 13, n. 2, 2005, pp. 287-304.
- ORTEGA, F. e ZORZANELLI, R. *Corpo em evidência: a ciência e a redefinição do humano*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- “PESAGEM: Será que Mari e Kaue venceram mais uma vez o peso de Risco?”. Disponível em: <http://entretenimento.r7.com/programa-da-tarde/videos/pesagem-sera-que-mari-e-kaue-venceram-mais-uma-vez-o-peso-de-risco-24112014>. Acesso em: 28 nov. 2014.

- SANTOLIN, C. B. e RIGO, J. B. “O nascimento do discurso patologizante da obesidade”, *Movimento*, v. 21, n. 1, 2015, pp. 81-94.
- SANTOS, L. A. S. “Da dieta à reeducação alimentar: algumas notas sobre o comer contemporâneo a partir dos programas de emagrecimento na Internet”. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, v. 20, n. 2, 2010, pp. 459-74.
- VIOQUE, J. et al. “Producción científica española en obesidad a través de PubMed (1988-2007)”. *Gaceta Sanitaria*, v. 24, n. 3, 2010, pp. 225-32.
- VOGEL, E. e MOL, A. “Enjoy your food: on losing weight and taking pleasure”. *Sociology of Health & Illness*, v. 36, n. 2, 2014, pp. 305-7.
- XAVIER, C. “Mídia e saúde e saúde na mídia”. In SANTOS, A. (org.). *Caderno mídia e saúde pública*. Belo Horizonte: Escola de Saúde Pública/FUNED, 2006.